



Boutros-Ghali e o Inimigo Americano

Unvanquished, A U.S.-U.N. Saga, Boutros Boutros-Ghali, Random House, Abril 1999

Marcello Duarte Mathias

As memórias de Boutros-Ghali têm o mérito da franqueza e constituem uma valiosa referência sobre as Nações Unidas e o seu funcionamento vistos por dentro.

Ao tomar posse em Janeiro de 1992, o novo secretário-geral tem por ambição conferir uma maior autonomia ao desempenho da organização, procedendo também a uma melhor gestão administrativa e orçamentária. É igualmente seu objectivo uma maior afirmação da figura do secretário-geral bem como o reforço da óptica multilateral na resolução de certo tipo de conflitos.

Boutros-Ghali refere numerosas crises, como as de Haiti, Bósnia, Médio Oriente, ou Cambodja. A ideia que transparece é a de um inventário por vezes frustrante de tentativas isoladas por iniciativa do secretário-geral, que procura antecipar respostas adequadas a situações que se prevê alarmantes, e só encontra pelo caminho preconceitos ou indiferenças.

Embora sem ilusões, Boutros-Ghali age como se as tivesse. O panorama geral é o de um constante renovar de apelos com o fito de encontrar um terreno comum de reflexão e acção, nomeadamente junto dos responsáveis americanos que tendem, não raro, a incriminar a ONU pelos seus próprios erros e contradições.

A íntima motivação que levou Boutros-Ghali a escrever este livro decorre da circunstância de ele ter sido o primeiro secretário-geral da ONU a quem foi negada a possibilidade de cumprir um segundo mandato consecutivo, por exclusiva oposição dos EUA.

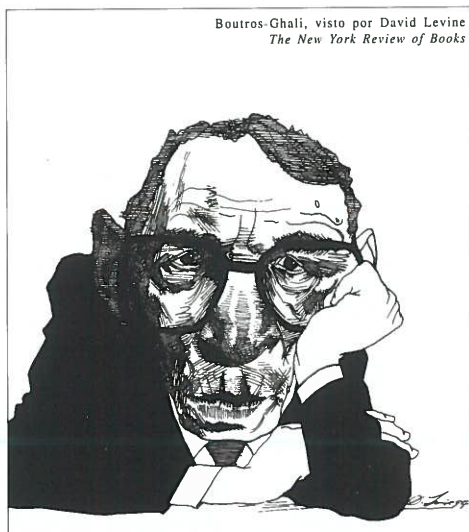
É reveladora a apreensão por parte da diplomacia americana perante os inconvenientes do multilateralismo, em particular as Nações Unidas, vistas como um empecilho à liberdade de acção de Washington. Ou, na melhor das hipóteses, como extensão e instrumento da política externa americana. "Levaria ainda algum tempo até verdadeiramente per-

ceber que os EUA não vêm grande utilidade na diplomacia; deter o poder é-lhes suficiente. Só os fracos confiam na diplomacia", escreve Boutros-Ghali.

O "Washington Post"* explicou que "na era do inquestionável predomínio americano, o homem que ascendeu ao topo das Nações Unidas não tinha qualquer afinidade com a cultura norte-americana". Para mais, Boutros-Ghali teve como interlocutor privilegiado do lado americano Madeleine Albright. Para além de nada terem em comum, havia entre eles uma total incompatibilidade de pontos de vista.

Boutros-Ghali, descendente de uma antiga família copta, egípcio francófono doutorado em França, casado com uma judia de Alexandria, colecionador de arte e homem de muitos livros e horizontes, é dificilmente classificável porquanto nele se juntam elementos civilizacionais das mais diversas proveniências – africana, mediterrânica, cristã, europeia. É neste cosmopolitismo que reside grande parte do seu charme pessoal, bem como a visão do mundo que é a sua: aberta, plural e policêntrica. Aos seus olhos, a sociedade internacional é uma realidade interdependente que nasce de uma comunidade de interesses.

Tanto por feito como por experiência, Boutros-Ghali é naturalmente atreito, à maneira oriental, à conciliação e ao entendimento, ao encontro com os outros, à arte do negócio e do compromisso. Albright situa-se no pólo oposto. O livro reconstitui as etapas essenciais deste confronto. Uma oposição política e ideológica, é certo, mas também de animosidade psicológica, cuja intensidade por parte de Albright não é de menosprezar e de que o próprio Boutros-Ghali não parece de início ter-se dado plenamente conta. Daí a resistência que teimou em oferecer à sua remoção. Estas memórias são a história de um desentendimento. ■



Boutros-Ghali, visto por David Levine
The New York Review of Books

Marcello Duarte Mathias, embaixador de Portugal na Argentina

*"Secretary against Secretary" in *Washington Post* de 11 de Julho de 1999.